



O Quilombo de Brotas: urbano e pentecostal

Ênio José da Costa Brito¹

“Ser quilombola é ter história para contar, uma cultura para ser dividida”

Resumo: O artigo abre um diálogo com a tese de Antônio Boareto, intitulada *Os Orixás e o Senhor Jesus na Casa de Mãe de Santo. Análise da construção cultural da Religião no Quilombo Brotas em Itatiba-SP*, revisitando a estrutura, apontando tópicos significativos além de tecer observações pontuais. Diálogo que possibilita explicitar, ainda que brevemente, as especificidades deste Quilombo urbano pentecostal.

Palavras-chave: Quilombo Urbano, Pentecostalismo, Religião, Umbanda, Periferia.

Abstract: The paper unfolds a dialogue with the PhD thesis of Antonio Boareto, entitled “The Orixás and Jesus in the Mother of Santo: analysis of the religious cultural structuring in Brotas Quilombo in the city of Itatiba”. It revisits the thesis structure, highlighting relevant topics besides formulating specific and rigorous observations. This open-dialogue allow to explain, the specificities of this Urban Pentecostal Quilombo.

Keywords: Urban Quilombo, Pentecostalism, Religion, Umbanda, Periferia.

Introdução

Segundo a Fundação Palmares, no Brasil temos cerca de 3.000 Comunidades Quilombolas. Alguns dados, na Bahia são 718, no Maranhão 653, em Minas Gerais 275 e no Pará 245. Dados indicativos da importância da tese de doutorado de José Antônio Boareto, intitulada, *Os Orixás e o Senhor Jesus na Casa de Mãe de Santo. Análise da construção cultural da Religião no Quilombo Brotas em Itatiba-SP*, defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião /PUCSP, em 13 de junho de 2017.²

¹ Professor Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP, coordenador do Grupo de Pesquisa “Imagário Religioso Brasileiro (Veredas)” e vice-coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUC).

² Participaram da banca os professores (as) doutores Edin Sued Abumanssur (orientador), Breno Martins Campos, Lucia Helena Oliveira Silva, Teresinha Bernardo e Ênio José da Costa Brito.

Trazer realidade quilombola para a Academia contribui para retirá-la da invisibilidade, invisibilidade esta utilizada preteritamente como forma de resistência, hoje, manipulada pelas grandes empresas agrícolas e imobiliárias, com o apoio da mídia, para conferir-lhes a não existência, a não territorialidade, enfim a ausência de direitos e a garantia no seu ser específico.

Vale lembrar que atualmente 199 comunidades estão aguardando análise do Instituto Palmares para receber a certificação de *Comunidade Remanescente de Quilombos*, e que o governo atual paralisou as demarcações de terras quilombolas atendendo interesses da bancada ruralista do Congresso Nacional.³

Significativo, também, ter apontado na tese as diversificadas formas de opressão a que a comunidade está submetida e mostrar sua histórica vivência de luta pelo direito à terra e dignidade humana.

Boareto procurou recuperar não um passado congelado, mas, antes, reabriu debates cruciais e atuais. A historiografia tem reiterado que a escravidão permeou as construções sociais brasileiras no século XIX, mas não só elas. Ainda hoje, a mentalidade escravocrata continua incrustada no imaginário e no tecido social brasileiro, a tese aponta claramente para este dado.

Dois exemplos recentes ilustram bem o que acabamos de afirmar: o elogio do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Luis Roberto Barroso a Joaquim Barbosa,⁴ e as fotos publicadas na internet de estudantes do Colégio Anchieta de Salvador, colégio de classe média alta, vestidos de Ku Klux Klan.⁵

Na apresentação do trabalho de Boareto, percorreremos a estrutura da tese, dando conta da recepção do seu texto, tecendo comentários e fazendo observações e deixando alguns tópicos para a reflexão dos futuros leitores.

O fato de ter participado da *Qualificação*, momento que antecede a defesa propriamente dita, possibilitou uma avaliação mais refinada do trabalho final.

Um olhar sobre a estrutura

O *Resumo* sintético e preciso aponta as veredas trilhadas e a perspectiva da abordagem:

Analisar a construção cultural da religião no Quilombo Brotas é o objetivo proposto por este estudo. A partir do espectro interdisciplinar da Ciência da Religião oferecemos uma abordagem a partir das disciplinas de História, Antropologia e Sociologia

.....
³ Atualmente, existe uma ação direta de inconstitucionalidade (Adin), no Supremo Tribunal Federal, apresentada pelo partido Democratas, que pede a revogação do Decreto 4.887/2003, editado pelo presidente Lula e que regulamenta a titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

⁴ Luís Roberto Barroso, na cerimônia de aposição do retrato de Joaquim Barbosa na galeria de ex-presidente da Corte, em 07/06/2017, referiu-se a Barbosa como “negro de primeira linha”.

⁵ Estudantes se vestem de Ku Klux Klan na Bahia e causam revolta: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/>. Acessado em: 10 de junho de 2017.

respectivamente. Contextualizado o Quilombo Brotas historicamente consideramos as historiografias oficiais e aquelas produzidas por eles mesmos por meio da tradição oral. Por tratar-se de um quilombo urbano localizado na periferia da cidade de Itatiba, propomos uma perspectiva de análise antropológica do quilombo enquanto sujeito periférico (BOARETO, 2017, p. 4).⁶

Na *Introdução*, deixou bem claro o objeto de estudo, penso ser possível explicitar as questões que pretendia responder, note-se, ainda, que a problemática se faz presente apenas veladamente, o mesmo se pode dizer com relação a sua hipótese.

Senti falta dos referenciais teóricos e de informações sobre a pesquisa. Nos oferece estas informações na Conclusão (p. 284s), onde comenta a perspectiva historiográfica adotada, como foi feita a pesquisa de campo, nos informa que acompanhou o processo de transição e eleição da nova diretoria do Quilombo. Informações que contribuem para a recepção do seu texto.

Pode, também, dar uma informação sobre a metodologia de pesquisa, que se encontra no início do segundo capítulo. Numa futura publicação transportar estas informações para a Introdução.

Quanto à metodologia

Desse modo a metodologia utilizada por nós para a pesquisa seguirá as orientações da proposta feita por Greschat de buscarmos “uma compreensão mais autêntica do olhar do fiel da religião em questão” no caso dos olhares em tensão no quilombo (p. 119).

Gostei muito do tom analítico do *Resumo*, que poderia ser retomado na Introdução.

Uma sugestão final, na página 25, escreve, “pensamos o quilombo como um ‘gueto’”, este epíteto se faz presente no desenvolvimento da tese, no capítulo terceiro você o adjectiva: “gueto de underclass” (p. 216), e ainda utiliza como subtítulo do ponto 3.1.2 – O gueto de Brotas. Penso ser o termo inadequado para indicar o quilombo de Brotas. Melhor dizer: “pensamos o quilombo como um ‘enclave’”, do contrário fica difícil entender várias afirmação que faz ao longo da tese como esta da página 174, “o quilombo é uma utopia viva”.

Boareto estruturou a tese em três longos capítulos numa perspectiva interdisciplinar, o primeiro tem uma fundamentação mais histórica, o segundo, antropológica, e o terceiro, sociológica.

O capítulo primeiro, intitulado *O Quilombo de Brotas*, resgata a história deste quilombo urbano insistindo na necessidade de superar uma compreensão redutiva de quilombo, isto é, só pensá-lo como algo isolado, daí a necessidade de se compreender a sua territorialidade como urbana.

.....
⁶ Passaremos a indicar apenas a página da tese, que em breve estará disponível na Biblioteca Virtual da PUCSP.

A localização geográfica do quilombo de Brotas é próxima ao centro, portanto, não estão isolados na mata como “culturalmente” é compreendido o quilombo, o Brotas neste sentido em relação ao centro está na periferia da cidade (p. 72).

Vale lembrar que o termo quilombo pode ser compreendido sob diversos enfoques, como nos lembra Laura Olivieri Carneiro de Souza.

As definições de quilombo de que partimos aqui derivam de um triplo registro: a) quilombo histórico, lugar de memória da resistência negra. Um fenômeno histórico específico que se estruturava no seio do sistema colonial escravista e o combatia; b) como referência simbólica e conteúdo político (sobretudo a partir do Quilombismo de Abdias do Nascimento) para o movimento negro e c) quilombo de direito, conforme o artigo 88 da Constituição Federal de 1988, em que documentos, sítios detentores de reminiscências históricas e legitimidade jurídica de pertença cultural remanescente (2012, p. 63).

Entre os famosos quilombos urbanos presentes na história do Brasil, temos o “Quilombo do Leblon”, a história deste quilombo é surpreendente: fundado por um português,⁷ vendedor de malas na rua do Ouvidor/RJ, que cultivava camélias, símbolo do abolicionismo, e costumava mandar de presente para a Princesa Isabel. Eduardo Silva, historiador e pesquisador da Fundação Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, conta a história desse quilombo no livro *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura*.

Na página 78, toca num tema muito importante: a Lei da Terra (1850). Vale lembrar o seu sentido original, institucionalizar o transplante de mão de obra barata para o Brasil, especialmente, o trabalhador africano livre que viria para o Brasil, que se supunha cultural e biologicamente acondicionado para o trabalho nos trópicos e proibir aos escravizados a posse de bens de raiz.⁸

Ao longo da tese, volta e meia aponta as consequências dessa lei: na página 109, “a comunidade negra não encontrou formas de se colocar na sociedade”; na página 224, “a liberdade não garantiu condições dignas de vida e a lógica da exploração escravista encontrou muitas formas de continuidade”.

Uma relação apresentada por Boareto convida o leitor à reflexão: a relação entre identidade de quilombola e território (p. 67). Que fatores são determinantes nesta relação? Que desafios se fazem presentes na constituição desta relação?

.....
⁷ O português José de Seixas, fabricante de malas e floricultor, foi o idealizador do quilombo do Leblon, estabelecido na chácara de sua propriedade conhecida como “quilombo do Leblon”, “quilombo Le Blon” ou “quilombo do Leblon”. Seixas, como Quintino de Lacerda – chefe do quilombo abolicionista de Santos –, conseguiu armar uma vasta teia de relações, da qual fazia parte a Confederação Abolicionista, como seu órgão máximo a *Gazeta da Tarde*, que apoiava economicamente o quilombo.

⁸ O problema do acesso à terra no período da escravidão se fez presente em todo o território nacional. Ver GOMES, Luciano Costa. População negra e o acesso à terra no Rio Grande do Sul durante o período escravista. In: *Identidade*, v. 21, n. 2, julho, 2016, p. 67-86.

Outra afirmação instigante do autor: “a periferia é um modo existencial de ser” (p.82). Longe se ser só um espaço geográfico, possibilita a pessoa ressignificar a sua própria existência.

Propomos uma abordagem para olhar para este ser periférico que elabora possibilidades de sentido e de ser compreendendo o quilombola urbano, que como estamos insistindo, difere-se de uma maneira de ser em sua identidade de um quilombola rural, pois urbano, traz para seu cotidiano essa percepção que estamos afirmando (p. 82).

Ter presente esta condição de ser periférico e da periferia possibilita compreender melhor o campo religioso do quilombo, no qual se faz presente o pentecostalismo, que atualmente tem uma relação conflitiva com a religião tradicional umbandista do quilombo.

O capítulo segundo, intitulado “O estar lá” no Quilombo Brotas, quer:

oferecer uma etnografia que não fosse um instrumento de dominação e redução do outro a um objeto do sistema, um objeto de reflexão da razão “Procuramos através da pesquisa de campo apresentar uma aproximação do que vimos, ouvimos e experimentamos” (p. 183).

Uma das impressões que ficou da leitura deste capítulo foi a seguinte: tanta era a preocupação do autor para oferecer uma “Etnografia libertadora”, que atenuou a própria dinâmica etnográfica, ao entrecortá-la com considerações de perfil epistemológico – considerações muito significativas por sinal –, deixando para o leitor o trabalho de constelar os dados etnográficos oferecidos pela pesquisa.⁹

Depois de tecer considerações sobre o trabalho de campo recolhendo as contribuições de Geertz e Roberto Oliveira, afirma:

Por todos estes aspectos da etnografia, **não se pode desconsiderar** também uma problemática apresentada por Homi Bhabha que reflete sobre o intuito de nossa pesquisa de buscar explicar e compreender os processos de interculturalidade presentes na comunidade quilombola em questão, a partir da possibilidade de pensar a diferença colonial como processo de negociação que implica reconhecer que impomos ao outro os nossos códigos culturais, característica básica da racionalidade colonizadora (p. 124).

Nesta passagem, densa e forte, apresenta-nos duas categorias de peso: *interculturalidade e diferença colonial*, que merecem uma explicitação, ainda mais que ao longo do capítulo mostra as consequências de se levar a sério a perspectiva intercultural. A interculturalidade implode o esquema binário – filho da modernidade (p. 124) –, convida a pensar a identidade como per-

.....
⁹ As fotos apresentadas ao revelar o olhar do autor sobre o quilombo enriquecem o leitor, ao todo são 44 fotos.

manente processo de negociação fora das construções binárias; impede o etnocentrismo e os processos de discriminação e contribui para superar antagonismos (p. 127).¹⁰

O capítulo convida a pensar no futuro desta comunidade quilombola de Brotas, que se manteve como espaço de resistência, porém hoje, mais do que nunca, está cotidianamente ameaçada de desintegração, seja por dificuldades de todas as ordens e pelo descaso dos poderes públicos, seja pelo perigo iminente de perda de suas terras. Para Boareto, é a luta pela terra que tem mantido a comunidade unida.

A religião no Brotas não é mais o que oferece a coesão da comunidade, embora a tradição oral continue sendo respeitada e é através da memória efetiva e afetiva que se pode dizer o Quilombo continua existir. Ao meu ver este elemento é a terra conquistada. Lutar pela terra, defendê-la e não permitir que o interesse imobiliário como também o bem pessoal coloque-se acima do bem comunitário (p. 175-176).

A situação religiosa no quilombo de Brotas é o título do terceiro e último capítulo, que oferece uma leitura sociológica da etnografia, o chamado “estar aqui” ou “escrever aqui”, com uma intencionalidade bem definida: compreender numa perspectiva macro as dinâmicas sociais que envolvem o processo cultural da religião no Quilombo, entre elas como se deu o deslocamento de Quilombo a Congregação Gospel.

Gospel é um modo ser periférico e através dos louvores expressam sua angústia e a dor do preconceito que sofrem, e cantam e dançam a esperança de um novo tempo com Deus. Para o autor,

Quando ouvimos Ana Maria dizer: “Eu danço, louvo, faço da Igreja a minha casa”, ou mesmo quando se reúnem para o culto e começam com um louvor onde todos se sentem embalar pelo canto e começam a dançar e cantar e ou mesmo a clamar: alegria, alegria, aleluia, aleluia; neste momento o Quilombo torna-se a Congregação Brotas” (p. 233).

Vale a pena realçar alguns pontos significativos presentes nas análises feitas ao longo do capítulo: ter refinado o conceito de periferia e periférico, conceitos já trabalhados anteriormente, mas que ganham densidade heurística e possibilitam afirmar que “a periferia é global e atravessa os centros por meio de suas redes de cultura” (p. 273). Ter analisado a religião do Quilombo na perspectiva durkeimiana (p. 254-273), que possibilitou compreender o elo de comunhão presente no Quilombo.

A contribuição do pensamento de Durkheim foi fundamental para compreender o elo de comunhão no Quilombo. Uma vez que não mais existe uma uniformidade em

.....
¹⁰ Com relação à importância da interculturalidade, ver BRITO, Ênio José da Costa. Desafios para a construção de uma epistemologia do Sul. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Conviver. Ensaios para uma teologia intercultural latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015, p. 143-155.

torno da religião umbandista e católica e a maioria é pentecostal, foi preciso identificar onde estava a re-ligação quilombola. Através da contribuição do pensamento durkheimiano foi possível reconhecer que o próprio quilombo re-liga os quilombolas (p. 288).

Ter apresentado o pentecostalismo como “cultura de periferia” (p. 232) e expressão da cultura negra em sua potencialidade gospel e se posicionado criticamente com relação à intolerância e ao racismo presentes no Quilombo (p. 277s).

Um último realce, que se estende a tese no seu conjunto: Boareto se apropriou com muita acuidade do pensamento dos autores com aos quais dialoga, principalmente de seus referenciais teóricos. O resultado são citações preciosas, que ilustram e fundamentam suas reflexões e análises.

Uma afirmação feita pelo autor vem sendo questionada atualmente pelos pesquisadores da diáspora, “sincretismo foi um modo que o negro encontrou para poder cultivar suas divindades no período da escravidão onde a religião majoritária era a católica” (p.269). Sem entrar em explicações, hoje, se questiona esta ideia.

Realiza uma criativa apropriação do pensamento de Roger Bastide ao sinalizar para uma inversão que vem ocorrendo na atualidade: “as sociedades tradicionais querem passar do sagrado selvagem para o sagrado domesticado e nossa sociedade pelo contrário, quer desagregar o sagrado doméstico e fazer emergir o sagrado selvagem “ (p. 211).¹¹

O processo cultural da religião pede uma maior explanação que explicita as características marcantes deste processo em curso no quilombo, como a transculturalidade e o hibridismo.

Considerações finais

Muito bom ter mostrado que, em pleno século XXI, os quilombolas têm de lutar por seus direitos básicos, lutar contra o racismo estrutural da sociedade e contra a naturalização de abusos históricos. Passados 129 anos desde a abolição da escravatura, os quilombos continuam sendo locais necessários à resistência da população negra.

Muito positivo, também, ter deixado claro o que é “ser quilombola” e os desafios presentes no dia a dia da comunidade quilombola de Brotas. A tese ao

aprofundar as teorias pós-coloniais em estudos etnográficos, colabora para que o campo não seja simplesmente um lugar onde adquirir informações para depois “enquadrar” a experiência do outro em categorias epistemológicas imperiais, isto é, etnocêntricas, eurocêntricas, totalizantes, dominadoras e mesmo castradoras do outro (p. 290).

.....
¹¹ BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1975].

A tese de Boareto, de perfil fortemente interdisciplinar, criativa, concilia abordagens teóricas com pesquisa de campo. Do ponto de vista da história, recorreu à documentação relacionada com o contexto local, priorizando a história lida na perspectiva do negro.

Para a compreensão do território recorreu a uma perspectiva antropológica da etnografia, procurando na perspectiva geertziana do “estar lá” no Quilombo. Para o autor, “particularmente foi interessante estar lá no Quilombo e conhecer outras histórias que não aquelas do conhecimento público. As histórias das conversões ao pentecostalismo e a busca pela umbanda em encontrar espaço novamente no Quilombo (p.286). Enquanto Tia Lula estava viva, a Umbanda era a religião hegemônica no Quilombo, mas com sua morte e com a conversão de muitos membros ao pentecostalismo, foi deixada de lado. Sinal mais eloquente desta mudança, a casa onde Tia Lula realiza o culto encontra-se fechada.

Ter iluminado a perspectiva etnográfica com a teoria pós-colonial fez do campo não simplesmente um lugar onde adquirir informações para depois “enquadrar a experiência do outro em categorias epistemológicas imperiais, etnocêntricas, eurocêntricas, totalizantes, dominadoras e mesmo castradoras do outro” (p. 290).

Ler *Os Orixás e o Senhor Jesus na Casa de Mãe de Santo* é conhecer por dentro a vida deste quilombo incrustado na cidade de Itatiba, conhecer sua história, suas lutas, seu dia a dia e principalmente os desafios internos e externos relacionados com sua sobrevivência.

Bibliografia

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1975].
- BRITO, Ênio José da Costa. Desafios para a construção de uma epistemologia do Sul. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Conviver**. Ensaios para uma teologia intercultural latino-americana. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015, pp. 143-155.
- DURHKEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GOMES, Luciano Costa. População negra e o acesso à terra no Rio Grande do Sul durante o período escravista. In: **Identidade**, v. 21, n. 2, jul-dez, 2016, pp. 67-86.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: UNB, 1998.
- SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e abolição da escravatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Recebido em 14/10/2017

Aprovado em 22/10/2017